

REVISTA PORTUGUESA de HISTÓRIA

tomo XXXIII

Portugal e Brasil
Rotas de Culturas
Volume I



COIMBRA 1999

FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

**Família escrava em Mato Grosso nos melhores
engenhos Cuyabanos*
Chapada dos Guimarães-1798-1820
Investigação em curso**

MARIA AMÉLIA ASSIS ALVES CRIVELANTE
Mestranda em História na Universidade Federal de Mato Grosso

Introdução

Este trabalho representa parte do que tenho desenvolvido sob a orientação da Prof. Dra. Maria Adenir Peraro, com o objectivo de elaborar uma orientação de Mestrado a respeito da família escrava africana que se constituiu na Freguesia de Chapada dos Guimarães, Capitania de Mato Grosso, no período de 1798 a 1820, com objetivos a contribuir para desvendar as relações entre os escravos que influenciaram na formação da sociedade do regime colonial daquele período, numa região mineiradora e de fronteira, o que lhe confere particularidades específicas.

* Nas considerações de Alincourt, D'Luiz, RIHGB, vol XX, p. 398, em ofício ao Barão de Lages. *Apud* Mesquita, José de, *Grandeza e Decadência de Serra-Acima*, ano 1931-32, p. 33.

Em primeiro lugar é necessário contextualizar o objeto de pesquisa, espacial e temporalmente, e, em seguida, apresentar um pouco do que as fontes referenciais, os registros paroquiais, que têm nos oferecido dados, e “dúvidas” e nos têm lançado cada vez mais no conhecimento dessas famílias. Conduzindo-nos ao grupo linguístico “bantu” cujas estimativas demográficas apontam para um percentual de 70% dos cativos importados pelo Brasil no século XVIII, cujos totais, propostos para o período por Maurício Goulart, são de 1.700.000 escravos importados. Suas práticas culturais que, “misturadas” ao contexto histórico onde foram inseridas, forjaram características novas e se re-significaram enquanto seres providos de alma em contraste à permanente tentativa de coisificação.

Evidentemente, as fontes demográficas apresentadas serão, no desenvolvimento da pesquisa, revisitadas, ainda para uma análise mais crítica que permita a visualização de práticas e indícios que nos enriqueçam com novos questionamentos e acompanhar suas tendências no quadro social da comunidade em estudo.

As primeiras notícias oficiais da ocupação da região, então conhecida como Serra Acima, atual Chapada Dos Guimarães em Mato Grosso, datam de 1720 quando da doação de Carta de Sesmaria pelo Capitão General de Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, ao Tenente Coronel Antônio de Almeida Lara, paulista de Sorocaba, em 1726. Quando da solicitação da carta, o tenente a justifica por já *estante nas minas do Cuiabá, e sitiado e afazendado na Chapada havia já seis anos com fazenda de gado, roças, canaviais e criações, com engenho em que empregava mais de trinta escravos*¹. É neste momento que se tem notícias oficiais também sobre o primeiro plantei de escravos levados para Chapada. A ocupação da região, portanto, dá-se quase que ¹

¹ Rosa, Carlos Alberto, “Esbarro no hoje, Recuo no tempo, Galope na história”. Cuiabá, Instituto Histórico, de Mato Grosso tomo..., 1995, p.42.

simultaneamente às descobertas auríferas em Cuiabá entre Lara, teria ali se “afazendado” desenvolvendo lavoura além de engenho e mineração, possivelmente vislumbrando o necessário abastecimento de víveres de que a população das minas certamente careceria. O capitão João Antônio Cabral Camelo, no relato que faz sobre sua viagem ‘as minas do Cuyabá e Goyazes, já fez menção do dito engenho em 1727:

*“Quando eu cheguei ao
Cuyabá, que foi em 21 de
novembro de 727, não havia
elle mais que um
único engenho, dez ou doze
léguas distante da villa, no
sítio onde chamam
Chapada ”*²

Antônio de Almeida Lara era minerador experiente, trazido para estas regiões pelas notícias do ouro. Veio em monção com alguma estrutura particular adquirida em outros empreendimentos mineradores na Bahia. Alcança aqui prestígio e solidez. É agraciado por Rodrigo César de Menezes, com o título de Brigadeiro e tomado regente das minas do Cuiabá, provisoriamente, substituindo por um ano Femão Dias Falcão, antes ainda de 1726. Subindo o rio Coxipó em busca de novos veios auríferos, alcança o córrego Queimado, seu afluente, onde estabelece o arraial do Queimado o que sugere ter encontrado nas proximidades o ouro procurado. Nessas incursões, fixa-se na região de Serra-acima, atual Chapada Dos Guimarães, num lugar chamado Burity, com lavoura de subsistência, engenho e gado.

² Camello, João Antônio Cabral, “Notícias Práticas das Minas do Cuyabá”, ed. UFMT, Cuiabá, 1975, p. 15.

Teria sido Almeida Lara o precursor dos engenhos nestas paragens, pois empreendera expedição especial rio Paraguai abaixo, nas regiões dos índios Guatos, em busca de mudas de cana-de-açúcar onde, segundo notícias chegadas a Cuiabá, alguns sertanistas já haviam encontrado plantações. Os engenhos de cana-de-açúcar e aguardente não eram uma atividade do agrado da coroa nestas fronteiras conforme ofício em 1730 da autoridade fazendária Tomé de Gouveia e Sá Queiroga: *“Por serem mais os sobreditos engenhos de ruína a estas minas, que de utilidade a sua Majestade, que Deus guarde, porque havendo nelas dezesseis ou dezoito engenhos e mais alguns escaroçadores em que se fabricam melados e aguardente, em cujas fábricas se acham ocupados o melhor de quatrocentos negros, não dão estes de conveniência aos dízimos reais no tempo presente nem trezentas oitavas por ano*³.

Os pareceres, entretanto, eram ambíguos e carregados de interesses e em 1739, um parecer do Conselho Ultramarino em Lisboa, reconhece a importância dos engenhos alegando que *“[...] a demolição dos mesmos acarretaria graves perturbações pela total ruína de muitos que só dos seus rendimentos subsistem, e pela perda dos dízimos*”⁴.

A produção de aguardente era o produto que mais empregava mão-de-obra escrava.

Em 1751, conforme Virgílio Corrêa Filho, já haviam 46 engenhos só na região de Cuiabá⁵. No Ano de 1796 as estatísticas contabilizam 34 engenhos de aguardente e 49 engenhos de açúcar com fábrica de rapadura

³ Silva, Paulo Pitaluga Costa e, *op. cit.*

⁴ Queiroga, Tomé de Gouveia e Sá ao Conde de Sarzedas, “Vila Real, 07-07-1734; mss.micro ficha 28[SP]doc.1092(AHU)NDHIR-UFMT. In Rosa, Carlos Alberto, “A Vila Real Do Senhor Bom Jesus Do Cuiabá” (A vida urbana em Mato Grosso no século XVIII; 1722-1808), p.73.

⁵ Filho, Virgílio Corrêa, “História de Mato Grosso” Rio De Janeiro, 1969. *Apud* Elizabeth Madureira Siqueira, “A Ocupação pioneira da região do Rio Cuiabá abaixo” RIHGMT, publicações avulsas, nr 01, 1997 p. 64.

e melado em seis distritos do Termo de Cuiabá, cinco às margens do rio Cuiabá. O distrito de Serra Acima (Chapada) abrigava 02 fábricas pequenas de rapadura e melado empregando 10 escravos, 20 engenhos de aguardente. Seis monjolos de farinha com 16.400 alqueires de farinha, empregando no total 728 escravos⁶. Ou seja, os engenhos de aguardente de fato ocupavam grande número de escravos e o distrito de Chapada era o que mais os empregava nesse período. Conforme tabela 1:

Tabela 1

Distrito	Escravo
Villa Maria	68
S. Pedro d'El-Rei	91
Cocães	134
Porto Geral, p. ^a cima	195
Porto Geral, p. ^a baixo	166
Serra acima	738
Soma	1.392

Fonte: Mesquita, *op. cit.* p. 34

Quanto aos dados gerais da Capitania de Mato Grosso, Vilela monta um quadro a partir dos mapas populacionais em que, a partir de 1768, é possível compreender a preocupação Lusitana na proliferação populacional nesta 2.º metade do século XVIII.

A população masculina continua muito superior à feminina⁷.

A particularidade desta região muito além de Tordesilhas, a oeste do domínios Lusos, traz-lhe ainda embutida os mais diversos aspectos da noção que temos de fronteira.

⁶ Mesquita, José de, "Grandeza e Decadência de Serra Acima", RIHMT, nr XXV a XXVIII-1931 e 1932 p. 34.

⁷ Silva, Jovam Vilela, *op. cit.* p. 194.

Suas características vão se conformando conjuntamente com sua população peculiar.

Com a tabela 2 elaborada por Jovam Vilela, podemos perceber o aumento, ano a ano, do contingente humano que na Segunda metade do século dezoito passa a crescer com o incremento da política imperial de ocupação empreendida por o Marquês de Pombal.

Tabela 2 - Taxa de gêneros da capitania de Mato Grosso. 1768

Ano/Mapas população	População Masculina	População Feminina
1768	7447	3459
1771	8204	3955
1772	8682	4685
1773	10201	5510
1775	10444	5646
1776	11423	5730
1777	11407	5991
1779	11940	6303
1780	12210	6280
1781	12242	6482
1782	12623	6492
1783	13022	6839
1790	15233	9088
1791	14525	8112
1794	16071	9661
1797	23553	16092

Fonte: Silva, Jovam Vilela da, "*Mistura de Cores*", p. 15

Chapada dos Guimarães surge nesse processo, como uma missão jesuítica. A criação da missão fez parte das ações empreendidas pelo governador da recém criada Capitania de Mato Grosso, Dom Antônio Rolim de Moura, em cumprimento às determinações reais cujas preocupações eram com a ocupação e assentamento da população. Para

tanto, a proibição de guerra aos índios sem licença do governo, bem como a proibição de sua saída da capitania. A missão de Aldeia Velha na região de Serra Acima, tem assim sua escolha justificada pelo governador:

[...] *por ser o lugar mais sadio deste distrito, tendo além de bons matos para plantas, há na terra os frutos mais preciosos, em termos de se colherem, e juntamente casas e capela, que podem remediar, no entanto, com os frutos e criação, dando-me conveniência de começar logo a recolher os índios, com cujo o trabalho, se irá plantando, e criando os mais, e se evitou em parte despesas*⁸.

Em 1766, conforme José de Mesquita, o então terceiro Governador, Luís Pinto de Sousa dá-lhe o nome de Santa Anna da Chapada de Guimarães: *levado pela mania de lusitanizar o Brasil*^{9 10} *. Toma-se freguesia em 1814.

As primeiras minas de Cuiabá foram descobertas entre 1718 pelos bandeirantes Antônio Pires de Campos, às margens do rio Coxipó, onde emprendia caça aos índios coxiponés e, em 1719, por Pascoal Moreira Cabral. Em 1722, Miguel Sutil descobre novos veios auríferos, nas margens do córrego da prainha, para lá transferindo a mineração. O lugar que ficou conhecido por “lavras do Sutil “ foi elevado a arraial em 1723 ¹⁰ *. Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, elevada, a tal em 1727 e sede da Capitania de São Paulo até 1752¹¹; compreendia no seu “termo”, freguesias urbanas e rurais, sendo que as últimas, em maior

⁸ Moura, Antônio Rolim de, in Antônio Rolim de Moura, “Correspondências. Publicações do Núcleo de Documentação e História Regional-NDHIR”, vol. 1, pp. 94-99.

⁹ *Apud* Mesquita, *op.cit.* p.33.

¹⁰ “As minas do Cuyabá foram descobertas em 1718, fundou-se o arraial em 1723, creou-se Villa em 1727 e cidade em 1818.” Alincourt, Luiz, comunicação que faz à João Vieira De Carvalho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra em 25 de julho de 1825, RIHGB, vol XX, p. 343.

¹¹ “Quando então instala-se o governo da nova Capitania de Mato Grosso em Villa Bela Da Santíssima Trindade.

número, surgem em função da agricultura, pecuária e engenhos abastecendo as primeiras que eram apenas duas: Sé, que representava a própria Cuiabá e Pedro II que seria hoje a cidade de.....¹² Dentre as rurais, as freguesias de Cocaes, hoje a cidade de Livramento, Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima, hoje a cidade de N.S. do Rosário, e Serra Acima, hoje Chapada Dos Guimarães, foram as que se desenvolveram mais notadamente, conforme dados de “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo”, vol. 44, apresentados por José de Mesquita em obra já citada e que reproduzo aqui para melhor contextualização. Serra Acima, como podemos observar nos quadros abaixo, era, em relação às outras comunidades, dominante quanto aos engenhos e monjolos de farinha. A tabela 3 demonstra a produtividade dos engenhos de açúcar rapadura e melado. Não sendo estas atividades o forte de Serra Acima, tanto quanto a produção de aguardente.

Tabela 3 - *Engenhos de açúcar, rapadura e melado. 1796*

Distritos	Fábricas Grandes	Fábricas Pequenas
Villa Maria	-	2
S. Pedro d’El-Rei	1	11
Cocaes	3	8
Porto Geral, p. ^a cima	3	8
Porto Geral, p. ^a baixo	4	7
Serra acima	-	2
Soma	11	38

Fonte: Mesquita, *op. cit.* p. 34

¹²Volpato, Luiza, “Cativos Do Sertão”- *Vida Cotidiana e Escravidão em Cuiabá em 1850-1888*. ed. Marco Zero, 1993, p. 29. A partir de 1752, a capital passa a ser Villa Bela da SS Trindade.

Porém no que se refere aos engenhos de aguardente, podemos observar seu acentuado destaque agrícola:

Tabela 4 - *Engenhos de açúcar, rapadura e melado. 1796*

Distritos	Engenhos	Monjolos	Canadas de Aguardente	Alqueires de farinha
Villa Maria	2	-	150	600
S. Pedro d'El-Rei	2	2	175	280
Cocacs	3	-	240	500
Porto Geral, p. ^a cima	5	-	240	1.100
Porto Geral, p. ^a baixo	2	-	180	-
Serra acima	20	6	4.030	16.400
Soma	34	8	5.015	18.880

Fonte: Mesquita, *op. cit.* p. 34

Este trabalho busca investigar núcleos familiares escravos no contexto ora exposto em Mato Grosso, particularmente na Freguesia de Santana de Chapada dos Guimarães. Além de situá-los demograficamente na população cativa do período, desvendar representações sociais próprias, enquanto africanos oriundos em sua maioria, do porto de Benguela e sua interlândia na África Central Ocidental. Essa origem pode revelar que estes africanos pertencentes ao grupo linguístico Bantu, muito possivelmente são de fala Umbundu e etnia Ovimbundu, grupo cujo domínio territorial abranje, principalmente, o entorno de Benguela. Estes Bantus, por exemplo, possuem em suas representações familiares o caráter matrifocal ou seja: a linhagem dos filhos é observada pela linha uterina o que faz com que os filhos pertençam geralmente ao clã da mãe e esta tem o dever de os produzir. Este aspecto nos leva a observar um possível traço cultural na obra de Manolo Florentino e Roberto Góes onde estes encontram elementos que revelam uma tentativa da mulher

escrava em procriar apesar de sua realidade. Talvez esteja incutido aí um dos seus traços culturais próprios visto que os autores trabalham com o tráfico negreiro e a comunidade escrava do Rio de Janeiro no período em que a maioria era também Bantu, como podemos ver nas estimativas de Hebert Klein. Este grupo linguístico possuía uma certa homogeneidade nas práticas culturais, com algumas diferenças quantos aos Bantus do norte de Angola e Sul da África. Contudo, impossível hoje, estudar as diferentes culturas que para cá foram trazidas, numa realidade colonial e escravocrata como se fossem ilhas isoladas, na medida em que os contatos as transformaram continuamente num processo de troca e de transculturação.

Este projeto de pesquisa pretende observar onde elas se embriçam e se reorganizam criando um novo campo de expressões de si.

Os séculos em que o expansionismo europeu alcança diferentes e novas sociedades que se representavam através de práticas distintas causando estranhamento, são definidos historicamente como a era moderna. Os contatos com os povos do Novo Mundo ou Asiáticos nas transações mercantis é que vão, convenientemente, forçando uma aceitação do “outro” enquanto um ser dotado de alma. Neste período a igreja passa por um movimento que acelera o fim da idade média. É a Reforma Religiosa que sucede o Renascimento.

O sistema teológico que as novas sociedades encontradas possuem para travar o contato com o ser superior, é considerado herético pela igreja católica, Ibérica.

A Europa estava no auge de seu intento mercantil. O Renascimento dava o suporte para as investidas da burguesia nas novas rotas. Era o movimento próprio de uma sociedade em ascensão que queria transformar as antigas regras do feudalismo e da igreja, para que pudessem desenvolver seu próprio poder. As atividades comerciais não significavam um pecado. O mundo passa a ser autropocêntrico, o homem deveria

dominar seu destino.

A Reforma Religiosa, fruto dos avanços mercantis, de uma classe ávida pelo pleno desenvolvimento pessoal, possibilita o surgimento de novos conceitos e de uma nova igreja.

A igreja católica vê-se ameaçada com a perda dos fiéis e reage com a Contra-Reforma lançando-se na cristianização e catequização dos não-cristãos. O século XVI é particularmente propício devido às novas descobertas e os contatos com as sociedades nativas.

Dentro dessas práticas, a visão do “outro” como um animal, povoa o imaginário do europeu católico das coroas Ibéricas, conquistadoras do novo mundo.

O desconhecido do outro lado do mundo era mais temível que os bárbaros com quem travavam contato bélicos. Esse “outro”, era a própria imagem da aberração e do exótico.

Este pensamento cria a dicotomia entre o homem e o animal, o homem e a natureza, justificando a dominação e exploração do primeiro sobre o segundo. Pensamento cartesiano onde só o homem é provido de alma e mente. Tudo mais deve estar em sua função e serviço.

Em Descartes, a imortabilidade do homem, contrária ao estado bruto dos animais mortais, comprovava a supremacia destes e o direito à exploração em benefício próprio sobre o outro. Para Keith Thomas, a teoria cartesiana abre o terreno para a exploração e a dominação do “humano” sobre seu diferente¹³.

Pode-se concluir dessa forma, que a diferenciação entre o homem e o ser “bruto”, constantemente explicitada nos tratados de moral e religião até meados do século XVIII fornece os instrumentos mentais para a distinção entre o homem “civilizado”, possuidor de um auto controle

¹³ Thomas, Keith, *O Homem e o mundo natural* São Paulo, Cia das Letras, 1996, pp. 21 e ss.

sobre os seus desejos e instintos, além de boas maneiras, sobre aquele que não apresentasse as mesmas características. A religião, tanto cristã quanto protestante, delimitou fronteiras que sustentaram a escravidão Ameríndia no novo mundo e em seguida a africana que já era utilizada no velho continente na exploração do ouro em pó nas costas norte africanas, legitimando o tratamento “desumano” no exato sentido que lhes diferenciava.

Aceitando a conclusão de Keith Thomas, de que a desumanização do negro africano foi um pré-requisito para a sua escravização pelo branco europeu, a sua transformação em mercadoria valiosa aos cofres metropolitanos, vem a ser uma outra forma de exploração fundamentada no mesmo conceito. Ou seja, a ideologia da superioridade do homem “civilizado”, constrói o cativo tal como o conhecemos.

Na própria historiografia brasileira, a não observância dos núcleos familiares de escravos enquanto grupos de parentesco estáveis em suas relações, mesmo numa realidade parte e produto de um regime económico, traz em seu bojo, o conceito de superioridade complacente com as “anomias” e “promiscuidades” próprias do regime.

O homem negro africano e suas práticas sociais, sua representação de si neste contexto, não foi percebido.

Os elementos que contribuíram na formação de uma nova organização social, familiar e afetiva, só agora em obras recentes, da década de 90 pra cá é que vão se destacando. Assim como os núcleos familiares escravos e sua reorganização em solo e costumes estranhos, tirando-os da anomia e percebendo ali, traços culturais próprias de seus grupos étnicos e linguísticos em África.

O desenvolvimento do projeto para Dissertação, tem buscado trazer à vista e “identificar” essas famílias de Chapada dos Guimarães, com sua peculiaridade de uma região de fronteira, onde a economia de subsistência prevalece sobre a mineradora.

Desvendar a sua linguagem particular engendrada nos novos espaços geográficos sociais, misto de resistência conciente e ação inconciente do “ser Africano”.

Utilizando as técnicas da demografia histórica e os pressupostos da História Social, a pesquisa desenvolve um levantamento na documentação existente no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, e no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional e Igreja Matriz de Santana, de Chapada dos Guimarães. Os registros paroquiais têm sido as fontes de base para este estudo apesar da precariedade dos livros e das lacunas entre um registro e outro, entre um livro e outro. Muito já se perdeu e muito se perderia se não fosse o cuidadoso trabalho de microfilmagem recentemente realizado pelo NDHIR, salvando o que foi possível.

Quantos, entre os africanos, podiam ler o documento que oficializava diante do padre e do seu senhor, as suas uniões? O contrário era mais fácil. As autoridades e seus senhores buscavam sempre conhecer sua língua para melhor dominá-los e muitas vezes deles se defenderem conforme Sílvia Lara Hunhold: Saber a língua dos africanos adquiridos, salvou suas vidas muitas vezes. Certamente aqueles homens e mulheres sabiam que o que pudesse estar sendo dito naqueles papéis, era exclusivamente o que queria o homem branco, a autoridade da igreja católica de seus senhores. Diante disso, o que se pode extrair desses documentos, está filtrado por uma representação de mundo, de sociedade, de família, muito distante do que podia significar para aqueles homens e mulheres ali diante de um representante da igreja católica, a “sua” noção de sociedade, de família e do que é sagrado. O tempo todo me pergunto sobre o que poderia passar pela mente de um africano “Mina”, “Angola”, “Benguella”, “Congola” (como são nominados nos registros), com práticas e representações tão distintas entre si, que dirá daqueles homens brancos muito mais exóticos, quando apareciam diante deles dizendo-se

representantes de uma igreja que nem era a sua para “sacralizar” suas mais íntimas relações afetivas! Sobre o que pensavam naquele momento, o que comentavam a respeito, que seus senhores não podiam compreender? Que práticas culturais os unia mais que aquelas?

As nações anotadas nos livros não raras vezes indicam a procedência dos casais “solicitando avanços”, no sentido de completar e enriquecer ainda mais estes dados demográficos e ir além. Além dados e além mar, buscando compreender a dinâmica dessa família em especial. Compreender, numa análise antropológica dos conceitos e sentidos de família para esses cativos, como suas práticas se adequam, se remodelam, se reproduzem e interagem no processo de transculturação de que participam. Outra fonte interessante que poderíamos utilizar para uma visão mais enriquecedora das condições em que os casamentos dos escravos se realizavam, seriam os “índices de dispensas matrimoniais e casamentos”¹⁴ sugeridas por M.^a Beatriz Nizza da Silva possivelmente encontráveis na Curia Metropolitana onde muitas informações a respeito da vida desses pretendentes poderiam contribuir para as muitas reflexões dos estudiosos da família escrava como por exemplo: o casamento católico entre cativos seria de vontade própria? Um arranjo do senhor para apaziguar as senzalas? Um mecanismo de defesa do cativo? Uma fonte segura de procriação? Haverá ali indícios de uma ou outra hipótese, ou ainda indícios que contemplem todas as possibilidades acima e surgirão outras.

O recurso a essas fontes pretende apresentar elementos ao estudo das reorganizações do território social dos africanos. A endogamia, por exemplo, conforme estudos de Stuart Schwartz, era prática comum entre os cativos. Não era corriqueiro um africano ou africana se casar com um

¹⁴ Silva, Maria Beatriz Nizza, in *Revista da SBPC- Ciência e Cultura*, vol. 32, n.º7 julho 1980, p. 816.

crioulo ou crioula principalmente nos grandes planteis. Encontrar nesses movimentos, nessa tentativa de rearranjo e reterritorialização, aquilo que Deleuze e Guattari chamam de tecido liso ou seja: os desvios aos controles senhoriais trançando vivências mesmo que para uma nova “estriagem” criando pontos de fixidez, que lhes permitiriam uma sobrevivência minimamente prazerosa¹⁵.

Para tanto, temos nos utilizado também de fontes bibliográficas específicas sobre cultura africana e da produção mais recente pertinente ao tema, que possa colaborar na elucidação das representações de família e parentesco próprias do grupo étnico e linguístico majoritário em África para reencontrá-las como substratos da composição da família escrava da freguesia de Chapada, em Mato Grosso, no século XVIII e XIX.

¹⁵Deleuze, Gilles e Guattari, Felix, “Mil Platôs”, vol. 5.